

O OLHAR FINAL

Max Lucado

- Max, seu pai está acordado.

Eu estava assistindo a um filme na televisão, um daqueles tipos de filme que nos transportam para algum lugar, em algum tempo. A declaração de mamãe parecia vir de outro mundo. O mundo real.

Virei-me para papai. Ele estava olhando para mim.

Sua cabeça era tudo o que conseguia mexer. A doença degenerativa que o havia acometido paralisou seus movimentos tirando tudo dele, exceto sua fé... e seu olhar.

Foram seus olhos que me chamaram para ir ao lado de sua cama. Eu estava em casa havia quase duas semanas, em licença especial de meu trabalho no Brasil devido à sua condição de saúde crítica. Ele dormira a maior parte desses últimos dias acordando somente quando mamãe lhe dava banho ou trocava os lençóis.

Ao lado de sua cama, havia um respirador - um metrônomo da mortalidade que lançava ar em seus pulmões através de um buraco em sua garganta. Os ossos de suas mãos estavam saltados como varetas de um guarda-chuva. Seus dedos, uma vez firmes e fortes, permaneciam fechados e sem vida. Sentei-me na beirada de sua cama e passei as mãos sobre suas costelas. Coloquei a mão em sua testa. Estava quente... quente e úmida. Passei as mãos em seus cabelos.

- O que foi, papai?

Ele queria me dizer algo. Seus olhos ansiavam por comunicar-se e recusavam-se a me deixar. Se eu olhava em outra direção por alguns momentos, eles me seguiam e continuavam me olhando.

- O que foi?

Eu já havia visto essa expressão antes. Tinha sete anos de idade, oito no máximo. Estava na beirada de um trampolim pela primeira vez, imaginando se sobreviveria ao mergulho. A prancha curvar-se sob meus 35 quilos. Olhei para as crianças atrás de mim que me apressavam a pular. Imaginei o que fariam se eu as deixasse passar à minha frente e descesse. Elas me castigariam, supus.

Então, entre o ridículo e um salto para a morte, fiz a única coisa que sabia fazer: tremi.

Em seguida, o ouvi:

- Está tudo bem, filho, venha. Olhei para baixo; meu pai havia mergulhado e esperava para me agarrar quando pulasse. Mesmo escrevendo este texto agora, ainda posso vislumbrar a expressão de seu rosto: pele bronzeada, cabelo molhado, um sorriso largo e olhos brilhantes. Seus olhos me transmitiam confiança. Ainda que ele não tivesse dito uma só palavra, seus olhos teriam, por si só, transmitido a mensagem. Mas ele falou:

- Pule, está tudo bem!

Eu pulei.

Vinte e três anos depois, o bronzeado desapareceu, o cabelo se tornou ralo, e o rosto, cansado. No entanto, seus olhos não mudaram nada.

Eram ousados. Sua mensagem também não tinha mudado. Eu sabia o que ele estava dizendo. De alguma maneira, sabia que eu estava com medo. De alguma maneira, percebeu que eu tremia enquanto fitava seu olhar profundo. E, de alguma maneira, ele, que estava morrendo, tinha forças para consolar a mim, que estava vivo.

Encostei meu rosto no dele, e minhas lágrimas molharam sua testa quente. Eu disse, em voz baixa, o que sua garganta queria dizer mas não podia.

- Está tudo bem - sussurrei. - Vai ficar tudo bem.

Quando levantei a cabeça, seus olhos estavam fechados.

Nunca mais os veria abertos novamente.

Ele me deixou com um olhar final. Uma última declaração de seus olhos. A mensagem de despedida de um capitão antes de seu barco sair para o mar. A segurança de um pai para um filho:

- Está tudo bem.